

fovest

FOLHA DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 2010 ★ ESPECIAL 1

Tel.: 0/xx/11/3224-3150
Fax: 0/xx/11/3224-2285
E-mail: fovest@uol.com.br
Blog: <http://blogdofovest.folha.blog.uol.com.br>

Serviço de atendimento ao assinante:
0800-775-8080
Grande São Paulo 0/xx/11/3224-3090

Ombudsman: ombudsman@uol.com.br



USP e Unicamp vão manter lista de livros

Relação adotada no último vestibular valerá para os dois próximos processos seletivos das duas universidades estaduais Págs. 2, 4 e 5

Obras ajudam em qualquer vestibular, dizem professores

Trechos dos livros aparecem em provas de todo o país

DA REPORTAGEM LOCAL

A leitura dos nove livros da lista unificada requer tempo e dedicação. Será que o aluno que não vai prestar vestibular para Fuvest e Unicamp precisa mesmo ler essas obras?

É bom, dizem todos os professores consultados pelo “Fovest”. Os livros que compõem a lista unificada são tão clássicos e tão importantes na literatura que a sua leitura é fundamental para uma boa formação.

Além disso, tais livros compuseram, em 2009, as listas de leitura obrigatória de uma série de vestibulares do país.

É o caso de “Vidas Secas”, presente, por exemplo, na lista de livros do último vestibular da UFBA e da UFRN, federais da Bahia e do Rio Grande do Norte, respectivamente. Na Bahia, a obra vale também neste ano. Já na lista da PUC-SP, essa relação é mais explícita: cinco livros foram sugeridos pela banca, e todos faziam parte da lista unificada.

E mais: mesmo nos vestibulares em que não há lista obrigatória de livros, essas obras costumam aparecer.

Exemplos não faltam. No vestibular 2005 da UFSCar (federal de São Carlos), um trecho de “Dom Casmurro” servia como apoio para cinco questões de língua portuguesa. No mesmo ano, no primeiro exame de qualificação da Uerj (estadual do Rio), 3 das 15 questões de língua portuguesa também se originaram em excerto do livro de Machado de Assis.

No Enem, que também não tem lista obrigatória, a presença dessas obras é constante. Mateus Prado, presidente do Instituto Henfil, afirma que os exames de 1999, 2001 e 2007 usaram ao menos um livro da lista. Nos dois primeiros, foram

poemas do “Antologia Poética”; no último, questões sobre o “Vidas Secas”. Pelo estilo do exame nacional, Prado acredita que as obras podem ser cobradas, inclusive, fora da prova de linguagens. “Podem aparecer nas ciências humanas”, diz.

Felipe Couto, coordenador de língua portuguesa do curso Ph, do Rio, defende que os alunos leiam as obras da lista unificada independentemente do vestibular que vão prestar.

“Isso ajuda o aluno a desenvolver boas redações e é fundamental para reconhecer o esti-

lo do autor e da época em que a obra foi escrita.”

Mas, em ano de vestibular, o tempo é precioso e selecionar bem ao que se dedicar é um trunfo na preparação.

Por isso, Couto sugere dois tipos de leitura: uma mais cuidadosa para quem enfrentará um vestibular em que as obras são especificamente cobradas e outra mais leve para os demais candidatos. “Quem presta USP e Unicamp tem de se preocupar com detalhes do enredo. Onde não há lista, deve-se ter uma noção geral.”

Lista de livros deve estimular hábito de ler

THAÍS NICOLETI DE CAMARGO
CONSULTORA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

A lista unificada de leituras obrigatórias para os vestibulares da USP e da Unicamp, que servirá de base para os exames de 2011 e 2012, traz sete livros de autores brasileiros e dois de portugueses. A prosa prevalece sobre a poesia —esta aparece representada apenas pela antologia de Vinicius de Moraes.

Mesmo omitindo o período renascentista, o período barroco e as obras do início do século 20, a lista é bastante abrangente. Do ponto de vista formal, os estudantes poderão comparar a linguagem de Alencar em “Iracema”, romance considerado um “poema em prosa”, com a exuberância linguística de Eça de Queirós e com a con-

cisão de Machado de Assis e de Graciliano Ramos, nomes que não poderiam faltar.

O livro de Manuel A. Almeida (“Memórias de um Sargento de Milícias”), além de ser uma leitura prazerosa para os jovens, é representativo da transição do romantismo para o realismo e, por isso mesmo, permite analisar as diferenças entre esses dois momentos da literatura.

Se é verdade que, lendo uma obra de Gil Vicente, uma de Alencar, uma de Machado de Assis, uma de Graciliano e uma de Jorge Amado, o estudante tem um panorama da trajetória da língua portuguesa através dos séculos, é também forçoso notar que, desse ponto de vista, fazem falta Camões e Vieira, que, cada um a seu modo, desenvolveram as potencialidades da língua de maneira ímpar.

Essas leituras devem servir de estímulo aos estudantes para conhecer também os clássicos estrangeiros e as novas criações nacionais.